

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quomabara
DATA: 09/07/1959 AUTOR: Jayme Maurício
TÍTULO: Visita do Brasil (Munique)
ASSUNTO: Pintores Brasileiros em Munique
análise - crítica européia

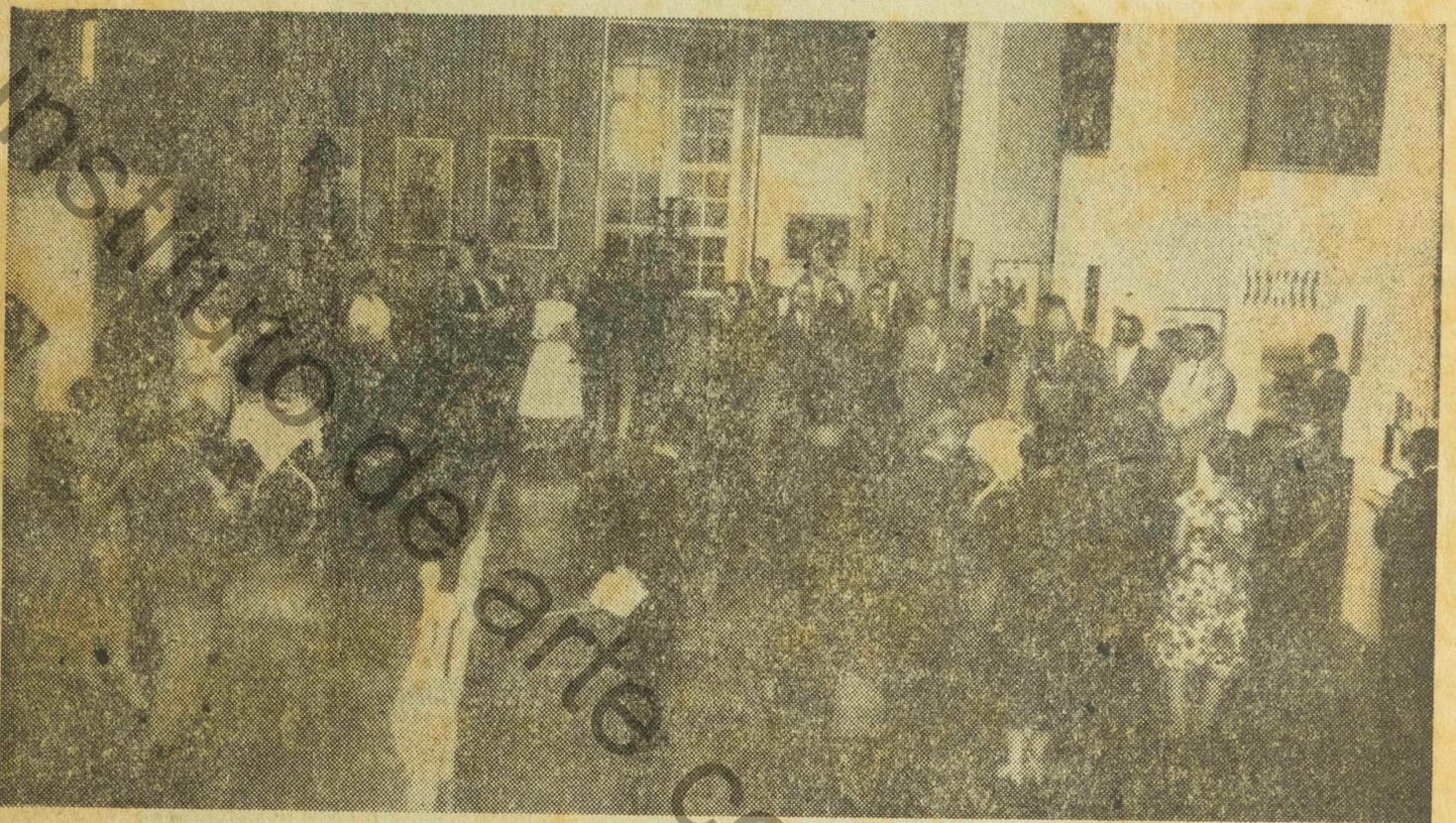
ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

A CRÍTICA EUROPÉIA E A ARTE BRASILEIRA

CM 9-7-59

VISITA DO BRASIL (MUNIQUE)



Aspecto parcial da exposição brasileira em Munique, quando da inauguração especial e antecipada para a crítica e jornalistas no dia 22, com uma palestra do embaixador Paulo Carneiro, representante do Museu de Arte Moderna do Rio, na qualidade de seu conselheiro, e outra do professor e crítico de arte alemão Ludwig Grote, diretor do Museu Nacional Germânico de Nuremberg

Inaugurada no dia 23 de julho último, na Haus der Kunst de Munique, a exposição de arte contemporânea brasileira organizada pelo Museu de Arte Moderna do Rio e o Itamarati, alcançou a visita de 2.000 pessoas no vernissage que foi oficial e brilhante. Permaneceu naquela cidade até o dia 9 de agosto com uma visitação diária excepcional, segundo as informações da frequência anterior, seguindo depois para Utrecht ou Haya, Holanda e em seguida para Viena. Alguns diretores de museu e particulares procuraram adquirir certos trabalhos para as suas coleções, assunto sobre o qual voltaremos a falar. Hoje iniciamos a tão esperada divulgação da crítica européia sobre a arte brasileira com a análise (a mais favorável) do crítico do jornal (SUEDEUTSCHE ZEITUNG), Fritz Nemitz, sob o título "Visita do Brasil" no dia 24 de julho. Nos dias subsequentes iremos publicando outras, de alemães, por ora, dos holandeses, austríacos, franceses, italianos, ingleses, etc. Embora a mostra tenha sido apresentada numa grande instituição de arte, com os benefícios do oficialismo, boa promoção do diplomata Franís Mesquita, um sólido catálogo e cartazes, a crítica de um modo geral não é muito favorável, mostrando, entretanto, ao lado da surpresa com o "nosso" construtivismo e do louvor de alguns artistas, interesse geral por uma arte que não é de papagaios, bananas, café, etc., como eles pareciam esperar. Considere-se também o fato de se tratar, ainda, de trabalho crítico destinado ao grande público do jornal diário, caracteristicamente limitado e apressado, capaz, evidentemente, de pecar pela ligeireza e superficialidade. Mas enquanto não chegam os ensaios das revistas, meditemos sobre o que nos dizem os homens mais cultos e visualmente qualificados da histórica Munique:

Trata-se da primeira exposição coletiva de pintura, gravura e escultura moderna brasileira mostrada na Europa. A Diretoria de Exposições de Munique, que tem anualmente convidados estrangeiros, pode neste verão apresentar, sob o patrocínio do embaixador do Brasil e do cônsul brasileiro em Munique, um debut da arte brasileira. A arte desse país, — o maior em todo o continente sul-americano, com uma superfície maior do que a Europa, mas cujo número de habitantes corresponde apenas ao da República Federal Alemã, — é praticamente desconhecida entre nós. Nesse país inexistem os problemas raciais; sistemas econômicos feudais subsistem ainda, lado a lado, com um forte capitalismo dos mais modernos.

Somente no século XX pôde o Brasil criar suas próprias tradições. Isto se refere principalmente à arquitetura do país, na qual as idéias de Corbusier e Gropius se tornaram realidade, de um modo liberal, através de arquitetos famosos como Niemeyer, Costa e Reidy. Assim como a arquitetura, desenvolveram-se igualmente a pintura e a escultura moderna. Tal desenvolvimento encontra-se amplamente demonstrado pela construção do grandioso Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. E as bienais que já há dez anos têm lugar em São Paulo, tornaram essa cidade a Veneza da América do Sul — um importante centro de arte, na qual se cultivam relações com o mundo inteiro.

O visitante, ao defrontar os quadros na "Haus der Kunst", perguntará, em primeiro lugar, pelos "brasileiros". Tal estilo particular foi criado por Cândido Portinari, o pintor representativo do país. Como criador de um mural para o Edifício das Nações em Nova York alcançou ele prestígio internacional. Portinari — já mostrado ao público de Munique numa exposição individual — é o pintor que, através da linguagem clara, vigorosa e grandiosa de seu estilo transportou para a tela o homem simples, o "esquecido" dos pampas e do sertão.

Os retratos femininos de Di Cavalcanti demonstram uma autêntica ligação com o folclore e o ambiente dessa terra tropical: morenas, nativas, de gravidade quase mística. O colorido da vida cotidiana nessa terra de cores vivazes: — batedores de arroz durante o trabalho ou uma plantação de chá — foi Djaniira da Motta que os fez nascer da paleta com um colorido brilhante. Num estilo de ingênua pintura dominical descreve Elisa Martins uma procissão multicolor. O autodidata José Antônio da Silva, pinta, viva e espontaneamente, as frutas e animais do país.

Elucidativo é o grande número de pintores abstratos. São a grande maioria, o que pode parecer estranho, mas explica-se pelo espírito aberto e receptivo para o mundo. Aqui a arte abstrata não leva vida isolada e combatida. É legítima e incentivada pelo governo. Está de acordo, quanto ao estilo, com a arquitetura das grandes cidades, mantendo com a mesma influências recíprocas. Todas as modalidades de pintura abstrata produzem efeito. Impressionantes são os quadros de Mabe, de origem japonesa, dentre os quais um maravilhosamente sonoro "Festival de Paz". Também as composições de Inimá de Paula e de Frans Krajcberg, aluno de Baumeister, a "Cidade em Vermelho" de Antônio Bandeira, os barcos soltos de Firmínio Saldanha e vários outros têm uma forma de expressão bastante pessoal.

Especialmente notável é o grande contingente de quadros construtivistas. As idéias de Malewitsch e a teoria das formas de Max Bill encontram no Brasil solo fecundo: Dacosta e Décio Vieira, Cícero Dias e Ivan Serpa, Vincent Ibersen e, de maneira elegante, Maria Andres Ribeiro. Nas pinturas sobre vidro de Palatnik é sugerida a idéia do "sonho vazio" à maneira dos velhos mestres Zen. A contribuição gráfica lembra Lazar Segall, falecido há dois anos, que manteve, durante longo tempo, uma escola em Berlim e que, já em 1913, levou ao Brasil o expressionismo, lá organizando a primeira exposição de arte moderna. Ao lado de Oswaldo Goeldi, o pioneiro da xilogravura expressionista, lá estão Luiz Chaves e Rossine Perez, Lívio Abramo e Lygia Pape, os quais combinam fantasia e pura técnica, e, não menos importantes, as gravuras sutis de Anna Letícia.

Também, na escultura, nota-se variedade e riqueza de expressão: Brunio Giorgi e Junior Cravo fundem a figura humana em pequenas estatuetas, freqüentemente cômicas, com elementos abstratos, assemelhando-se a um artesanato brincalhão. Maria Martins apega-se ao círculo da forma plástica e tenta na obra "Impossível" o surrealista-fantasmagórico. Kasmer Fejer constrói "objetos" transparentes de plexi-glass, e Franz Weissmann constrói, com resíduos de ferro, uma "Ponte".

Embora os povos permaneçam separados pela língua e pela raça, constituem uma grande comunidade por suas expressões artísticas. Essa exposição vem novamente comprovar que os problemas e as formas artísticas dos outros países não existem sem relações mútuas, mas ao contrário se interpenetram de maneira fecunda. Cada vez mais nitidamente forma-se um estilo internacional; a noção de arte mundial assume contornos nítidos.

Fritz Nemitz

VII SALÃO PAULISTA

procurá-las, assim como os di-

EMERIC LANY NA GEA

ARTISTAS